

VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS: SAINDO DA INVISIBILIDADE

MÁRCIA REGINA CANGIANI FABBRO

Departamento de Enfermagem/Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.

coordenadora do projeto

mfabbbro@gmail.com

AIDA VICTORIA GARCIA MONTRONE

Departamento de Metodologia de Ensino/Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.

coordenadora do projeto

montroneufscar@gmail.com

DIOGO BARBOZA MOREIRA

Estatística/ Universidade Federal de São Carlos, São Paulo

voluntário

diogobarbozamoreira@gmail.com

THAYNARA DA SILVA BERTOSSI

Terapia Ocupacional/Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.

voluntária

bertossi95@gmail.com

MANINA CERQUEIRA

Letras/Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.

bolsista do Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil (PIAPE)

manina_cerqueira@hotmail.com

FLAVIA FERNANDA DOS SANTOS DE SOUZA

Terapia Ocupacional/Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.

bolsista de extensão Proex

flaviafernanda1999@hotmail.com

Financiamento: PROEX/UFSCar, PIAPE/UFSCar.

RESUMO

Descrevem-se as ações desenvolvidas pelo projeto de extensão "Violência de gênero na universidade: saindo da invisibilidade", com o objetivo de mapear a violência de gênero na universidade, destacando as atividades em 2016, 2017 e 2018 no campus de São Carlos. Foi construído um questionário online pré-testado em 2016 e 2017 e implementado em 2018; oferecida a ACIEPE: Violência de gênero na universidade; mesa redonda; rodas de conversa; elaborados materiais educativos e realizadas reuniões e estudos da temática. Os resultados mostraram que existe um certo conhecimento das várias formas de violência, contudo dados de 2018 revelaram algumas situações não reconhecidas como violência, por exemplo, “controlar com quem a pessoa anda e com quem a pessoa está”; “menosprezar a pessoa”. As violências mais citadas foram psicológica, moral e sexual, motivadas pela hierarquia e estilos de vida. Os estudantes não sabem o que fazer em caso de sofrerem violência no âmbito universitário e desconhecem campanhas de prevenção no campus. Conclui-se que há necessidade de ações de promoção de relações não violentas, de prevenção, em especial em grandes festas e de punições aos agressores, independente de sua condição de aluno ou docente.

Palavras chave: Violência de Gênero; Universidades; Estudantes.

1. INTRODUÇÃO

A violência de gênero, segundo Araújo (2008), exprime um formato específico de violência originada pelo patriarcado, que confere ao homem a dominação e o controle sobre a mulher, dando margem a desigualdade e ao uso da violência.

A universidade possui um caráter científico e progressista, entretanto, está sujeita a reproduzir situações de violência de gênero, dominação e patriarcado (GÁMAZ et al, 2018). Embora a relação entre professores e alunos possa colaborar para o futuro profissional dos mesmos, atitudes coercitivas são percebidas como violências e causadoras de desmotivação e sofrimento psíquico nos estudantes (SCHERER, 2015).

Segundo Godinho (2018, p. 2):

“[...] o trote, o bullying e a homofobia são exemplos de situações de violência nas instituições de ensino superior, que geram implicações nas relações interpessoais, rupturas de comportamentos éticos, danos psíquicos e comprometimento da qualidade de vida”.

Entretanto, mesmo a violência sendo uma realidade das universidades, ela ainda se encontra na invisibilidade. Valls et al (2016) comentam sobre a escassez de pesquisas específicas sobre a violência de gênero no ambiente universitário, que seriam cruciais para o desenvolvimento de ações nesse âmbito.

Sendo assim, a instituição se isenta das responsabilidades sobre a prevenção e condução das violências ocorridas dentro de seu campus e acaba atuando de forma contraditória na formação de bons profissionais e cidadãos, pois suas atitudes refletirão na sociedade. “Esses jovens são o futuro, e nós temos a missão de colocá-los em contato com pessoas que podem aprofundar o tema e contribuir para que cada um deles seja um foco de transformação.” (INSTITUTO AVON; DATA POPULAR, 2015, p.2).

Considerando a necessidade de dar visibilidade ao tema, o estudo se propôs a descrever as ações desenvolvidas pelo projeto de extensão "Violência de gênero na universidade: saindo da invisibilidade", com o objetivo de mapear as violências de gênero no ambiente universitário, destacando as atividades nos anos de 2016, 2017 e 2018 no campus de São Carlos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A perspectiva feminista conduziu as discussões das atividades, ao considerar o poder como um eixo comum para a análise das relações de gênero. A palavra gênero indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero sublinha também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades e masculinidades expressas em como se vestir, falar ou agir. Se remete não somente ao campo das ideias, mas também revela instituições, estruturas, práticas cotidianas e rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais e que podem, em nome de diferenças baseadas em sexo, gerar desigualdades de gênero. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser, ela mesma, analisada em seus diferentes contextos históricos (SCOTT, 1998).

Neste sentido, sexo refere-se às características biológicas de homens e mulheres, ou seja, às características específicas dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos, ao seu funcionamento e aos caracteres sexuais secundários decorrentes dos hormônios. Gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais e, violência de gênero engloba as diferentes formas de violência praticadas no âmbito das relações de gênero, não só a violência praticada por homens contra mulheres, mas também a violência entre mulheres e a violência entre homens (LEI MARIA DA PENHA, 2006).

3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo das atividades desenvolvidas por um projeto de extensão na Universidade Federal de São Carlos, *campus* São Carlos-SP.

Instrumentos e Procedimentos

Foi utilizado um questionário elaborado em 2016, aperfeiçoado e pré-testado em 2017 e implementado em 2018. A elaboração do questionário se baseou nas pesquisas “Violência contra a mulher no ambiente universitário” do Instituto Avon (INSTITUTO AVON/ DATA POPULAR, 2015), e “Violência de gênero en las universidades españolas” (VALLS, 2008). O questionário final aborda dados sociodemográficos (8 questões); reconhecimento da violência de gênero por parte das(os) estudantes (18 itens, sendo possível assinalar mais de um item), situações de violência de gênero no âmbito universitário (13 questões); a reação diante à violência (5 questões) e medidas de proteção e prevenção da violência de gênero na universidade (8 questões). Outros instrumentos e estratégias educativas foram: cartilha educativa, rodas de conversa e ACIEPE.

Participantes

Os participantes foram estudantes do segundo ano de Enfermagem e Pedagogia (diurno e noturno) em 2016, estudantes do curso de Ciências Sociais, Terapia Ocupacional e Engenharia da Computação em 2017 e todos os estudantes de cursos presenciais do *campus* São Carlos em 2018.

4. RESULTADOS

Em 2016 as atividades consistiram na revisão de literatura sobre o tema, na elaboração e divulgação de propostas de ações preventivas acerca da violência de gênero no meio universitário. O mapeamento da violência de gênero foi realizado com algumas turmas dos cursos de Pedagogia e Enfermagem, UFSCar, *campus* de São Carlos.

Primeiro fez-se a revisão documental, que deu-se no âmbito da literatura e do estudo de pesquisas já realizadas sobre gênero, raça/etnia, direitos das mulheres e violência de gênero. Posteriormente, para o mapeamento foi elaborado o questionário e

aplicado de forma presencial em turmas do quarto ano de Enfermagem e Pedagogia (diurno e noturno) e de forma online em turmas do segundo ano de Enfermagem e Pedagogia (diurno e noturno). Estes cursos foram selecionados por serem historicamente considerados femininos, e de turmas iniciantes, bem como de turmas concluintes, visando captar a violência desde a entrada até o final do curso.

Foram obtidas 60 respostas dos questionários presenciais e 30 respostas do questionário online, totalizando 90 (noventa) estudantes. Deste total, 79 se identificaram como gênero feminino e 11 como masculino. Os alunos eram majoritariamente brancos e solteiros, sendo 79 heterossexuais, 4 homossexuais, 5 bissexuais e 2 pansexuais.

Cerca de 57 estudantes disseram conhecer alguma situação de violência de gênero que ocorreu no âmbito universitário (comentários sexistas, forma de se vestir e violência psicológica), enquanto 32 estudantes desconheciam qualquer situação de violência de gênero. Em relação à violência de gênero sofrida dentro da universidade, 23 responderam já terem sofrido, 66 não, e 01 não respondeu.

As violências mais citadas foram moral (14 vezes) e psicológica (13 ocorrências), seguidas de violência sexual (5 ocorrências) e física (2 ocorrências). Dentre os motivos que levaram a violência foram a hierarquia, a área do curso, estilo de vida e característica física, e orientação sexual.

O agressor foi mencionado como professor(a) em 10 respostas e em 9 desconhecido. Em relação ao sexo do agressor, 15 estudantes apontaram sexo masculino, 2 sexo feminino e 3 ambos os sexos.

Dentre as 23 vítimas de violência, somente 3 delas a denunciaram, e alegaram ter sofrido preconceito e ter tido medo no momento da denúncia. Metade dos participantes disseram não saber quais atitudes tomar nos casos de violência de gênero na universidade e consideraram importante a implementação de atividades relacionadas ao tema.

A maioria dos estudantes que responderam o questionário relataram se sentir inseguro dentro do ambiente universitário, principalmente no período noturno e quando sozinho. São evitados lugares com pouca circulação e mal iluminados. As salas de aula e dos professores, áreas abertas do campus e festas universitárias foram os locais mais indicados quando questionados sobre onde ocorreu a violência.

A última etapa consistiu na confecção e distribuição de materiais informativos e preventivos. O material foi criado com o intuito de visibilizar a temática, abrangendo o conceito de gênero, os tipos de violência, situações que podem motivá-las e os principais

ambientes em que elas ocorrem. No material também constam informações sobre locais e telefones para a denúncia, dentro da universidade e no município.

Em 2017, os objetivos foram o mapeamento da violência de gênero em alguns cursos e áreas diversas, além da divulgação dos resultados e a elaboração de propostas preventivas e protetivas para as vítimas.

O questionário foi readaptado, de acordo com a aplicação prévia, sendo aplicado presencialmente nos cursos de Ciências Sociais, Terapia Ocupacional e Engenharia da Computação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Após a aplicação, os estudantes receberam um folder informativo sobre os conceitos usados no questionário.

Foram coletadas 148 respostas, onde 91,48% tinham entre 17 e 25 anos, majoritariamente solteiros (93,2%) e brancos (66,1 %). 79 estudantes se identificaram como o gênero feminino, 62 como masculino e 1 não binário. A maioria dos estudantes eram heterossexuais, sendo 2,7% homossexuais, 5,5% lésbicas e 19,9% bissexuais.

A maior parte dos estudantes (77%) já presenciou alguma situação de violência de gênero ocorrida no contexto universitário. As violências mais indicadas foram a psicológica; comentários sexistas sobre a capacidade intelectual feminina ou comentários desagradáveis sobre a aparência e de conotações sexuais. Por último, foram relatadas ocorrências de perturbação e medo gerados por perseguição, comentários e contatos ameaçadores.

Apesar de reconhecerem certas situações como violência de gênero, alguns estudantes ainda não identificaram outras como menosprezar a pessoa (24,3%); utilizar da força física e/ou psicológica para manter relações sexuais (6,1%) ou colocar as mãos em diferentes partes íntimas do corpo de outra pessoa ou forçar a beijar ou a tocar, contra a sua vontade (5,4%).

Os estudantes que responderam ter sofrido a violência (28,2 %) citaram com maior frequência as violências psicológicas e morais (44,4% e 30,2% respectivamente), seguidas de violência sexual (14,3%) e violência física (11,1%). Os motivos mais indicados foram os hábitos e estilos de vida, a hierarquia, características físicas, orientação sexual e identidade de gênero.

As repúblicas e festas universitárias foram citadas como os locais com mais ocorrências de violência, seguidos das áreas abertas do campus e menos movimentadas, sendo que algumas delas deixam de ser frequentadas. Os períodos da tarde e noite foram os mais indicados. Os agressores são, na maioria, do gênero masculino e cis, desconhecidos (46,7%), colegas (20%) e professores (13,3%).

Das vítimas, 88% reconheceram a situação vivenciada como violência de gênero, mas apenas 21,1% a reportaram. As dificuldades para as denúncias mais apontadas foram a vergonha, o medo e o preconceito. Ainda foram relatadas situações de medo de professores, auto culpabilização, descaso e ameaças.

Os estudantes ainda relataram não saber sobre serviços de apoio às vítimas na universidade, apesar de julgarem como necessários. Também apoiam que se trabalhe a temática da violência de gênero, com diversas sugestões de ações para essa abordagem.

Assim, nesse ano, o projeto propôs uma roda de conversa acerca do tema, com convidados da área, e aberta à comunidade universitária, além da divulgação dos resultados da pesquisa.

Ainda no segundo semestre de 2017, foi organizada a ACIEPE “Violência de gênero na Universidade” que discutia temáticas como desigualdade, sexo, raça, e a violência de gênero de diversas formas. Para as discussões, houve palestras disparadoras com especialistas, favorecendo a reflexão e a construção do conhecimento.

Em 2018, foi adequado e implementado o questionário online e enviado para todos os estudantes de graduação, de cursos presenciais do campus São Carlos.

Foram registradas 2277 respostas, os estudantes tinham em média 24 anos de idade. 70% dos respondentes se autodeclararam brancos, 68% heterossexuais e 59% feminino cis.

Os itens mais reconhecidos como violência de gênero foram: colocar as mãos em partes íntimas do corpo de outra pessoa sem a sua autorização ou forçar a beijar (93,9%); utilizar da força física e/ou psicológica para manter relações sexuais (93,7%) e impor uma maneira de se vestir, se pentear ou se comportar em público (91,1%).

Algumas atitudes não foram vistas como violência pelos estudantes, como por exemplo: impedir que a pessoa fale com outras pessoas(18,8%); fazer observações/comentários desagradáveis sobre a aparência física (18,34%); controlar com quem se anda e com quem está (18,53%) e o menosprezo (24,73%).

No que diz respeito a violência de gênero no âmbito universitário, grande parte (74,4%) dos estudantes já presenciaram eventos que entenderam ser violência, sendo as principais “violência psicológica como humilhar, insultar, ameaçar ou perseguir” (75,1%); comentários sexistas sobre a capacidade intelectual das mulheres ou seu papel na sociedade ou comentários com conotações sexuais que desagradam ou humilham” (74,1%) e, “comentários desagradáveis sobre a forma de se vestir ou a forma de arrumar os cabelos” (63,3%).

Em relação aos estudantes que declararam ter sofrido violência (36,1%), os tipos mais relatados foram: psicológica (77%); moral (65%); sexual (31%) e física (12%). No caso da violência sexual, o assédio (40%) e a exploração sexual (33,3%) foram os mais citados. Os motivos mais relatados, que levaram à violência de gênero, foram: hierarquia (52,8%) e hábitos de estilo de vida (43,4%). Os lugares onde mais ocorreram essas violências foram: repúblicas (55,2%); salas de aulas (51,8%) e áreas abertas do *campus* (46,5%), sendo que o período de maior ocorrência da violência foi a noite (66,9%). Quanto à relação com o agressor, 44,5% eram desconhecidos; 39,8% eram colegas e; 37,2% eram professores.

Em 80% dos casos o estudante que sofreu a violência de gênero se considera vítima, porém, 95% deles não reportaram a violência por medo, falta de informação ou acolhimento. Em se tratando da Violência sexual, a pesquisa mostrou que 250 estudantes (10,97) relataram ter sofrido este tipo de violência, desses, 75,2% se autodeclararam brancos e do gênero feminino cis (aproximadamente 79%). Assédio sexual foi o principal tipo de violência sexual registrado (216 casos), seguido de 52 casos de estupro e 29 casos de exploração sexual;

Quanto às medidas de proteção e prevenção da violência de gênero, 65% dos estudantes apontaram não saber o que fazer caso sofressem violências, a maioria (91,3%) acredita ser necessário trabalhar esse tema na universidade e 81% afirma que não existem campanhas de prevenção à violência de gênero no campus, 70% não se sentem seguros no ambiente universitário.

Neste ano também foi oferecida a ACIEPE: violência de gênero na universidade, assim como no ano anterior.

5. CONCLUSÃO

Conclui-se que no ambiente universitário deste *campus* há violências de gênero de diversos tipos (desde física à moral), violências estas presentes também na sociedade como um todo. Entretanto, percebemos que na universidade as situações de violência de gênero permanecem invisíveis, isto porque ela é encoberta pela ideia de que a comunidade universitária, por seu caráter progressista, está isenta da reprodução de tais práticas.

Os resultados mostraram que há um desconhecimento das diversas formas de violência por parte dos estudantes, o que leva ao não reconhecimento das violências

cotidianas que sofrem. Ainda há um desconhecimento geral da comunidade universitária sobre os meios de denúncia, temendo a exposição, falta de apoio e medo de represálias.

Ficou evidente que agressores que ocupam a posição de docentes reforçam a dominação patriarcal através da hierarquia acadêmica. Dessa forma, as vítimas de violência, temendo represálias, não denunciam as situações vivenciadas.

Foi possível identificar que a violência de gênero na universidade afeta a liberdade, o aprendizado e os direitos dos estudantes, dessa forma, torna-se indispensável o reconhecimento institucional deste fenômeno, realizando ações que visem a promoção de relações não violentas, medidas protetivas e punição dos agressores, sejam eles alunos, docentes ou técnicos, tornando-se responsabilidade da instituição promover a equidade, a igualdade e relações mais saudáveis entre os estudantes.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, M F. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 14, out. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 set. 2019.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. **Lei Maria da Penha (2006)** Brasília, DF, p. 34, Câmara dos Deputados, Ed Câmara; 2010: (Série ação parlamentar; n.422).

GÁMAZ, A. B. P et al. Gender Violence in Universities in Southern Mexico. **International Journal of Humanities Social Sciences and Education (IJHSSE)**. v. 5, n. 4, p. 89-101. 2018.

GODINHO, C.C.P.S. et al. A violência no ambiente universitário. **Rev Bras Promoç Saúde**, v. 31, n. 4, p. 1-8, out./dez., 2018.

INSTITUTO AVON/DATA POPULAR, **Violência contra a mulher no ambiente universitário**, 2015. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/pesquisas/violencia-contr-a-mulher-no-ambiente-universitario-data-popularinstituto-avon-2015/>> Acesso em: 09 fev. 2017.

SCHERER, Z. A. P. S. et al. Manifestação de violência no ambiente universitário: olhar de acadêmicos de enfermagem. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. v. 17, n. 1, p. 69-77. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v17i1.22983>.

SCOTT J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. v. 20, n. 2, p. 71-99. 1995. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 27 set. 2019.

VALLS, R. et al. Breaking the Silence at Spanish Universities: Findings From the First Study of Violence Against Women on Campuses in Spain. **Violence Against Women**. v. 22, n. 13, p. 1519–1539, 2016.

VALLS, R. et al. **Violencia de género en las universidades españolas**. Memoria Final. 2006-2008. Ministerio de Igualdad. Secretaría General de Políticas de Igualdad. Instituto de la Mujer. 2008